

**A CIVILIZAÇÃO MASTIGADA:
A IDENTIDADE E SEUS ADEUSES NO LIVRO
*TODAS ÀS VEZES QUE DISSEMOS ADEUS, DE KAKÁ WERÁ JACUPÉ***

Jeferson Tenório¹

1 Sobre os adeuses

Eu vim para mostrar a nudez do meu povo. A claridade do coração. Eu vim para nos despirmos Para descobrimos os Brasis.

Toda a partida é ao mesmo tempo regresso. Para vivermos, precisamos dizer adeuses. Ao longo da vida há sempre um aceno pronto a ser disparado. Precisamos dizer adeus para nós mesmos. Mover as raízes, torná-las moventes e dessa forma entrar em comunhão com outro. Acenar é morrer em nós mesmos. E depois, como um milagre, ressuscitamos em outro. Não é a morte da alma. É uma morte que nos permite voltar embebido em outro. As almas não tem pátria. Tem vivências. As experiências não têm raízes. Elas atravessam as nações. Movem-se entre as culturas porque as culturas são como casas: podemos habitá-las, conhecê-las, por dentro de por fora, mas somos sempre eternos inquilinos das culturas.

O Escritor Kaká Werá Jacupé, compreendeu isso. Soube dizer adeus a sua casa sem deixá-la. Porque traz consigo a tradição milenar de seus ancestrais. Carrega seus espíritos para cidade de São Paulo e lá se reinventa para sobrevivência de seu povo e da humanidade. Porque “agora, porém, não é de minha vida nem de meu povo que está em jogo”, ele escreve “mas a de todos” *Todas às vezes que dissemos adeus* (2002 p 17). Kaká Werá ofereceu a sabedoria milenar de sua tribo. Para tanto teve de “comer o cérebro da civilização”, matou sua fome intelectual “comendo o pão que a civilização amassou”.

Justamente por ir na contramão de uma literatura canônica *Todas às vezes que dissemos adeus* é um livro problemático, como bem coloca Manuela Ribeiro Sanches (2006), pois o livro em questão adota elementos típicos do romance moderno como a autobiografia, além da visível hibridez de seu texto que se mostra ao mesmo tempo engajado e aberto. Deste modo, Kaká Werá parece não ter lugar dentro do cânone justamente por carregar este caráter problemático.

¹ Mestrando pela UFRGS, em Literaturas Luso-africanas, Bolsista CNPq.

Todas as vezes não se encaixa nos “padrões” esperados de um autor indígena. Porque seu livro não é exótico e também não está imerso num “gueto”. É um livro de todos os lugares. Pois está imerso numa tessitura humana, mas que por outro lado é um livro que protesta como sugere Manuela: “*Todas às vezes*” nunca deixa de chamar a atenção para as opressões dos índios guaranis pela sociedade não indígena brasileira, a qual polui os rios onde eles pescam, corta suas árvores, rouba suas terras e os trata como mendigos sujos (*Outras histórias* 2006 p 263)”.

Por outro lado, ao criticar esta mesma sociedade, Kaká Werá nos mostra que a cultura indígena também adere a cultura urbana e ocidentalizada: “Mas ele também demonstra que como todos nós, os guaranis são capazes de negociar e recriar sua identidade em benefício próprio, sem passa a ser, por essa razão, menos índio (OT 263)”.

No que tange a questão identitária, o sociólogo Zygmunt Bauman afirma que: “o campo de batalha é o lar natural da identidade” (2005, p.17). Esta síntese demonstra que não existe um lugar seguro, não há um conceito cômodo quando falamos de identidade. O que houve, na verdade, foi um enfraquecimento, uma fragilização do conceito identitário de tal modo que conceituá-lo tornou-se algo cada vez mais escorregadio, cada vez mais provisório.

Tal fragilização se deu enquanto a tradição e as instituições reguladoras da identidade também sofreram um enfraquecimento. As novas gerações não estão mais atreladas às questões de pátria e nação. As fronteiras no mundo globalizado se diluíram. No “admirável mundo das oportunidades fugazes”, como define Bauman, tornou-se necessária a volubilidade das identidades, portanto, não havendo mais espaço para identidades rígidas e inegociáveis. A identidade passou a ser, obrigatoriamente, ambivalente.

Entrar para cultura letrada, ou seja, adquirir o domínio da escrita significa para um indígena entrar em contato com a cultura ocidental, mas que por outro lado é uma forma de ressignificação da identidade e seus valores, pois como afirma Maria Inês de Almeida e Sônia Queiroz:

Através da aquisição e do domínio da escrita, os indígenas passaram a fazer a história, como produção de sentidos para a própria ressubjetivação. Não há história sem discurso. E a escrita e seus meios são instrumentos que os índios estão utilizando para configurar suas identidades. Identidades não como essências, mas resultantes de processos de identificação do sujeito ao complexo de formações discursivas historicamente e ideologicamente determinadas. O que se exige de um discurso não é uma verdade, é uma lógica discursiva. (Na captura da voz 2005 p 205).

A inscrição de um sujeito indígena como autor de um livro é um modo de resistir ao discurso opressor que sempre anulou e silenciou as vozes dos índios. Toda a história brasileira

foi marcada por séculos e séculos de violações e silenciamentos. A tradição indígena pode ter sido reconhecida com uma certa importância do cenário cultural, mas nunca foram reconhecidos como agentes ativos da história ou da política.

A folclorização da cultura indígena agiu como um discurso que escamoteou a importância de suas tradições. Portanto, o fato de deixar-se “contaminar” pela escrita, deixar-se “dominar pela lógica dos brancos” é a forma encontrada para institucionalizar na cultura branca a sua própria identidade indígena. A adaptação de Kaká Werá à cultura globalizada é descrita no seguinte trecho:

Ao chegarmos e habitarmos entre os guaranis, em São Paulo, a cidade acabou pedindo o nome do pai e dos guaranis em troca de sobrevivência. Disseram que sem nome e número civilizado não se existia. Então o que éramos? Éramos apenas, não existíamos. Ficamos muito tempo sem existir até faltar recursos a mata e precisarmos trocar com os civilizados meios para sobreviver. (Jacupé 2002 p 27)

Aqui, próprio nome herdado pelos ancestrais dá lugar a um número. Ou seja, a incorporação oficial de Kaká Werá à nação brasileira. Um número que certamente está ligado a ao processo colonial de aculturação dos indígenas. Uma violência da massificação do indivíduo - a violência da desapropriação existencial que a cultura dominante nos impõe.

2 A civilização mastigada

Percorri sua florestas de aço e comi de seus frutos artificiais para descobrir os brasis. No asfalto por onde andei, se plantando nada dá. Provei do bom e do ruim. Conheci uma qualidade dos caciques, que põem gravatas, Eles tem requinte na fala, vivem nela. E o jaguar no coração. E acabei de descobrir que muitos deles eram a causa do extermínio de meu povo. (Jacupé 2002 p. 37)

Mastigar a civilização significa, em *Todas as vezes que dissemos adeus*, compreender as negociações identitárias. E tal compreensão envolve um posicionamento crítico e irônico pelo narrador. Ao modificar, por exemplo, o ditado “comeu o pão que o diabo amassou” para “o pão que a civilização amassou”. Kaká transforma a civilização na própria representação do diabo. Comer deste pão significa tornar-se um brasileiro, um brasileiro comum numa sociedade que causa dores e sofrimentos. No entanto, o livro se torna aberto na medida em que há dentro desse sofrimento uma troca mútua, porque os processos globalizantes não são o grande mal da humanidade. Pois nenhuma cultura que se quer ser reconhecida como cultura pode ficar alheia a globalização.

Não podemos esquecer que se por um lado, o processo de globalização diluiu fronteiras, por outro, dissolveu as barreiras das distâncias tornando inevitável o contato entre os centros e a periferias.

Neste contato, as negociações de poder emergem dentro da lógica capitalista aos olhos de Kaká:

Os políticos e os homens de negócios não estão interessados em rituais de perdão. Escute bem: eles estão interessados em gerar dividendos e boa imagem. Entende? Esse gesto seu, camuflado como evento desse ano, que é o ano internacional dos indígenas, cai bem como propaganda para algumas empresas. (Jacupé p 83)

Conforme entende Milton Santos, “na história da humanidade é a primeira vez que tal conjunto de técnicas envolve o planeta como um todo e faz sentir, instantaneamente sua presença” (2007, p.25). Este contato intenso provocou, certamente, uma demanda de buscas por novas identidades. Se “A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista” (SANTOS, 2004, p. 23), podemos acrescentar ainda que o capitalismo, por sua vez, é também um processo de ocidentalização.

Nesta conjuntura social é muito provável que haja uma produção de novas identificações tanto “locais” quanto “globais”. Em tempos de pós-colonialismo, o ocidente se vê cara a cara com “outro”, com o “exótico”. É aí que se dá a emergência do retorno da etnia, pois as culturas locais sentem-se ameaçadas pela globalização, têm medo de que as “raízes” se percam, que sejam engolidas pela pós-modernidade, entretanto, este raciocínio nos parece superficial e simplista, como nos esclarece Stuart Hall: “A idéia de que a globalização ameaça solapar as identidades e a unidade das culturas nacionais é muito simplista, exagerada e unilateral.” (2006, p. 83)

Certamente, é preciso pensar numa outra forma de articulação entre o “global” e o “local”, mas, sobretudo, não podemos achar que a globalização tem o poder de extinguir culturas. O conceito de “atravessamento” cultural através da mundialização, como propôs Renato Ortiz (2001), corrobora para uma análise mais profunda, pois este conceito anula, de certo modo, a idéia de que a globalização assumiu tal situação produzindo um apagamento das fronteiras e que todos passaram a viver em uma grande “aldeia global”. Anula também a pressuposição de que a globalização exclui culturas mais fechadas em suas tradições.

Parece-me, entretanto, mais preponderante pensar, assim como Ortiz, que as culturas se mantêm mesmo que se modifiquem, que as fronteiras existem e que as histórias locais, nacionais e globais se atravessam, e este atravessamento se dá pela mundialização. No mundo pós-moderno as idéias de conjunção e disjunção operam no mesmo sentido, na globalização

há sempre uma tensão entre o particular e a diversidade, que não são, necessariamente, antagônicos.

Assim, é um erro, como aponta Bauman, pensar que ao fortalecermos as identidades locais estaremos preservando as raízes: “A globalização atingiu agora um ponto em que não há volta. Qualquer um que defenda “identidades locais” como antídoto contra os malefícios dos globalizadores está jogando o jogo deles e está nas mãos deles” (2005, p.94)

Portanto, não se trata de ir contra a globalização, a questão não é esta. Não há como reverter esta situação unificadora do mundo. A questão é de que maneira podemos produzir uma outra globalização, como sugere Milton Santos. Uma globalização menos atroz e menos injusta. Até porque, usando a metáfora de Bauman, “Não se pode ser contra a globalização, da mesma forma que não se pode ser contra um eclipse solar” (2005, p.94).

Deste modo acredito que *Todas às vezes*, torna o contato entre culturas possível dentro de suas perdas e ganhos. Feita de permanências e adeuses. Neste contexto que discutir a identidade se torna imprescindível. Porque se as fronteiras estão porosas e diluídas há também um grande esforço de comunidades e países em erguer barreiras étnicas fazendo surgir, inevitavelmente, a xenofobia. O “outro” é visto como uma ameaça e é preciso levantar muros para impedir qualquer contato que possa interferir na “pureza” de uma determinada cultura, assim como afirma Stuart Hall no livro *identidades culturais na pós-modernidade*: “O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas”. (1997, p. 91)

Todas as vezes não mostra um índio ameaçado pela perda de sua “essência” indígena. Pelo contrário, seu discurso crítico, duro e plural aumenta nossa percepção quanto ao “o que é ser índio”. Mas do que isso, nos permite compreender essa reconfiguração da identidade indígena sob uma outra perspectiva. Uma perspectiva que busca fugir da lógica do exotismo e do ocultamento da literatura indígena.

Referências

ALMEIDA, Maria Inês. QUEIROZ, Sônia. *Na Captura da voz: As edições da narrativa oral no Brasil*. São Paulo: Autêntica Editora, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

HALL, Stuart. *Da diáspora; identidades e meditações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. *Identidades na pós-modernidade*. São Paulo: Editora DP&A, 1997.

JECUPÉ, Kaká Werá. *Todas as vezes que dissemos adeus*. São Paulo: Triom, 2002.

ORTIZ, Renato. *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. São Paulo, Editora Olho D' água, 1996.

SANCHES, Manuela ribeiro (org.) *Portugal não é um país pequeno; contar o império na pós-colonialidade*. Lisboa, Cotovia, 2006.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização; do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro; Editora Record, 2004.